

UM ROMANCE 2.0

A 2.0 NOVEL

Saul Kirschbaum*

ALMEIDA, Hugo. *Vale das ameixas*. São Paulo: Editora Sinete, 2024, 245p.

Resumo: O recém lançado livro de Hugo Almeida chama a atenção do leitor em diversos aspectos: por um lado, rompe com as barreiras de gênero, fundindo ficção com crônica, crítica de arte e reflexão sobre acontecimentos históricos recentes; por outro, rompe com o postulado da trama romanesca: a narrativa descreve o relacionamento do protagonista com diversas mulheres – esposas, amantes, amigas -, mas não tem propriamente uma trama; cada um dos relacionamentos serviria de base para um romance à parte; em vários trechos, o livro é autorreferenciado, ou seja, se refere a si mesmo; em outra dimensão ainda, o autor constrói um protagonista que foi professor de literatura, o que lhe permite comentar importantes autores e suas obras; finalmente, reflete sobre a condição humana em face de eventos históricos trágicos, como a ditadura militar imposta ao Brasil entre 1964 e 1985 e, principalmente, a ocupação nazista da Polônia e o genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Hugo Almeida. Polônia. Gênero literário.

Abstract: Hugo Almeida's recently released book catches the reader's attention in several aspects: on the one hand, it breaks down genre barriers, merging fiction with chronicle, art criticism and reflection on recent historical events; on the other hands, it breaks with the postulate of the novelistic plot: the narrative describes the protagonist's relationship with several women – wives, lovers, friends -, but it does not exactly have a plot: each relationship would serve as the basis for a separate novel; in several passages, the book is self-referential, that is, it refers to itself; in yet another dimension, the author constructs a protagonist who was a literature professor, which allows him to comment on important authors and their works; finally, it reflects on the human condition in the face of tragic historical events, such as the military dictatorship imposed on Brazil between 1964 and 1985 and, mainly, the Nazi occupation of Poland and the genocide of the Jews during the Second World War.

* Doutor em Letras pela FFLCH/USP, PPG Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas; Pós-doutor pela UNICAMP; professor do Centro Cristão de Estudos Judaicos; pesquisador do LABÔ – Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo.
E-mail: <saul.kirschbaum@gmail.com>.

Keywords: Hugo Almeida. Poland. Literary genre.

Hugo Almeida tem presença consolidada no panorama literário brasileiro: já publicou romances, contos, ensaios e literatura infantil, num total de quinze livros. Seu mais recente romance, *Vale das ameixas* (2024), é mais do que simplesmente um romance. Nele o autor incorpora elementos de outros gêneros, como crônica e crítica literária, elaborando sensível reflexão sobre a condição humana.

No plano da ficção, o protagonista, Timo, apelido de Harley, envelhecido, sentindo a aproximação da morte -, “Sim, estou velho e quase no fim” (p. 57) -, escreve suas memórias, lembrando, principalmente, das inúmeras mulheres de sua vida – esposas, amantes, amigas: Núbia, Léa, Loren, Édén, Laura, Lais/Celeste, Alzira/Piedade, Henriqueta, Rachel/Biela, Lívia, Lulu, Camila, Valeriana, Irène, Julia, Cecília, Alice, Amanda.

O narrador em primeira pessoa atribui sua longevidade justamente a ter mantido tantos relacionamentos: “Se não fossem as mulheres que amei, já teria partido há muito tempo. Elas me deram vida, injetaram em mim uma vitalidade que imaginava extinta. Cada nova paixão trazia sempre sangue novo, o sangue se agitava” (p. 55).

O texto é estruturado em capítulos curtos, trezentos ao todo, que poucas vezes ultrapassam duas páginas. Com grande habilidade técnica, o autor inclui capítulos contendo lembranças do protagonista, em geral narrados em primeira pessoa, pelo próprio Timo, focados de cada vez em uma das mulheres, intercalados com reflexões ou cartas das próprias mulheres. Muitas vezes, o leitor tem dificuldade em discernir quem está falando. Assim, não há no romance propriamente uma trama, um desenvolvimento. O relacionamento com cada uma das mulheres poderia ser a trama de um romance à parte. Com esse procedimento, o autor atinge o objetivo de dificultar a vida do leitor, pré-requisito para uma leitura mais profunda. Neste aspecto, podemos pensar que o livro é autorreferido: uma das mulheres, Alice, é escritora. Nesta condição, Harley lembra dela na página 102: “Pedi que lesse meu conto novo, ficou contente, leio já. Disse que aprendeu comigo a contar história quase sem história”. Ou seja, uma “ficção sobre ficção” (p. 199)

Mais uma instância de autorreferência pode ser encontrada no capítulo 116, em que o protagonista, ex-professor de literatura, lembra: “O *Catatau* não tem fio narrativo, um aluno me enviou o artigo de Paulo de Toledo. ‘Cada canal/tema é como um fio da

textura que se entrelaça com outro fio, oferecendo ao fruidor possibilidades quase infinitas de interpretação” (p. 113).

Em outro criativo estratagema narrativo, o leitor descobre, somente no final da obra, que o livro que está lendo foi organizado por Túlio e Zacarias, filhos do protagonista, que, depois de sua morte, tiveram acesso a suas memórias.

Em outros capítulos, um narrador em terceira pessoa fala de um ou mais escritores ou artistas plásticos, em estrutura de crônica. Para exemplificar, transcrevo o capítulo 64:

O filho renegado de Dublin acaba de ser enterrado em Zurique. Um homem maltrapilho, embriagado, vê a pequena multidão em torno do túmulo e pergunta: “Quem era?”. Joyce teria gostado de ver a cena, o visitante inopinado seria bem uma personagem sua. (p. 72)

Ele mesmo apreciador e profundo conhecedor de literatura, filosofia e música, brasileira e mundial, o autor cita, de forma não expressa, trechos bem conhecidos de obras culturais populares, como a reflexão de Lais no capítulo 20: “Cuidado, Lais, há perigo na esquina, o sinal está fechado para nós. Eu sei, meu amigo, mas será que você não sente nem vê que uma nova mudança em breve vai acontecer?” (p. 29). No mesmo espírito, na página 116, Timo relembra e transcreve letras de músicas de Noel Rosa e de Lamertine Babo.

Também, tendo sido professor de literatura durante muito tempo, Timo insere lembranças de aulas ministradas, com considerações sobre autores importantes e análise de poemas. Entre tantos outros, são referidos Maiakovski, Sartre, Manoel Bandeira, Kafka, Bruno Schulz, Osman Lins, Walter Benjamin.

Além de abordar os muitos relacionamentos do protagonista com mulheres, a obra dedica espaço considerável a considerações sobre o fundo histórico, sócio-político, sobre o qual se dá a narrativa, que afeta a vida das personagens. O relacionamento com determinadas mulheres, muitas vezes, tem sua origem em algum episódio do fundo histórico.

A vivência no Brasil durante a ainda recente ditadura que imperou no país entre 1964 e 1985, por exemplo, é evocada na figura de Laís, ex-aluna de Harley, revolucionária que adota o codinome Celeste para se incorporar à guerrilha do Araguaia, onde é assassinada pelas forças da repressão.

Neste período, para conviver com o rigor da atividade da censura, alguns jornais deixavam espaços vazios onde haviam matérias proibidas. Outros imprimiam nesses espaços receitas culinárias ou trechos de obras literárias. Aludindo a essa situação, o narrador registra no capítulo 174 o comentário de Lais: “Com a febre da coragem, apanho a folha de jornal deixada por algum camarada inimigo. Ele traz um trecho dos *Lusíadas*, canto sétimo, estrofe 10”. (p. 150)

Por fim, perpassa toda a narrativa a tragédia que se abateu sobre a Polônia, particularmente sobre os judeus – catástrofe na qual foram assassinados cerca de seis milhões de indivíduos desta etnia - durante o regime nazista. A esposa de Timo, Rachel, judia nascida na Polônia, se converte ao catolicismo e muda seu nome para Biela para conseguir sair da Polônia. No Brasil, consegue enviar uma Carta de Chamada para Timo, dessa forma viabilizando sua imigração:

Graças a Biela que tinha parentes aqui e veio antes, preparou o terreno, casa, trabalho, tudo. Me passou a carta de chamada, senão eu não podia entrar, ela não se cansava de me cobrar isso. (p. 19)

A primeira referência à identidade judaica de Biela aparece de forma muito indireta no capítulo 8:

Dona Benedita tentou, mas nunca acertou as receitas com ameixas como o pierogi ou o simples knedle, bolinha de batata recheada que minha mãe fazia tão bem. (p. 17-18)

Pierogi é uma comida típica da culinária polonesa e knedle o é da judaica. Na mesma página, pela primeira vez é mencionada a guerra: “(no meu país, dona Benedita, Biela não cansava de dizer, na Guerra queimavam as sinagogas)”.

A capa do livro, ficamos sabendo na página 54, é uma cena de *O mercador de Veneza*, peça teatral de Shakespeare, pintada por Maurycy Gotlieb em 1876, evocando o antisemitismo já vigente no século dezesseis.

O título do romance aparece pela primeira vez na página 38, numa referência agora à Primeira Guerra Mundial (1914-1918): “Papai construía estradas e pontes para os russos. Nossa casa muitas vezes era uma carroça ou vagão de trem que margeava longos vales de ameixas”. Cumpre lembrar que a Polônia fora partilhada, no final do século

dezoito, entre Rússia, Prússia e Império Áustro-Hungaro, recuperando sua autonomia política somente em 1919, após o final da Primeira Guerra, para de novo ser invadida e arrasada apenas vinte anos depois, por Alemanha e Rússia. Cumpre lembrar que mesmo no período entre guerras ocorreram *pogroms* na Polônia e os judeus enfrentaram severas restrições econômicas que deram origem a uma intensa corrente migratória que incluiu o Brasil como destino.

“Vale das Ameixas”, então, tem conotações nostálgicas de uma infância perdida, metáfora para a própria Polônia, tão infeliz. Como lembra o protagonista, de uma entrevista concedida a um programa de rádio em 1985, “Cercado, ponto geográfico estratégico, a minha Polônia vive em permanente estado de defesa. Nosso hino canta a guerra. O do Brasil, a paz, a liberdade” (p. 47) e, um pouco mais adiante, “Três vezes fui à Polônia depois da Guerra. Na primeira encontrei o país inteiro em ruínas, sobretudo Varsóvia. Como dói. Cinzas, casas em pó, como nos meus poemas juvenis.” (p. 48).

A tragédia da invasão da Polônia pelas tropas nazistas que deu início à Segunda Guerra Mundial, é evocada pelo protagonista através da farsa montada pelos nazistas na véspera, para legitimá-la:

Noite de 31 de agosto de 1939. Vestidos de uniformes poloneses, membros da SS simulam um ataque a uma emissora de rádio alemã perto da fronteira, em Gleiwitz. Prisioneiros de campos de concentração, com uniforme do exército da Polônia, são drogados e em seguida mortos no local. O bando de Hitler – “esse espantinho repulsivo”, como já havia dito Thomas Mann numa carta de 1934 a Herman Hesse – apresenta à imprensa do mundo os corpos como prova de que os poloneses tinham atacado o território alemão. Era o pretexto para a invasão, que se inicia na manhã seguinte, sem nenhuma declaração de guerra. (p. 141)

Outra lembrança da tragédia que se abateu sobre a Polônia e assombra o narrador é o pacto Molotov-Ribbentrop entre Alemanha nazista e Rússia estalinista, de 1939, que abriu caminho para a invasão:

Quando soube da assinatura do pacto entre Hitler e Stalin, alguns dias antes da invasão da Polônia por tropas nazistas, Gombrowicz decidiu ficar na Argentina. Ao embarcar para a viagem de duas semanas, ele não imaginava que nunca mais voltaria à Polônia. Nos primeiros dias em Buenos Aires, numa pensão modesta, acorda com choro, gemidos e suspiros de um velho no quarto vizinho e ouve repetidas vezes *guerra, guerra, guerra*. Logo em seguida tem notícia

de seu país: massacres, prisão e deportação de poloneses da elite e de judeus. (p. 164)

Do ponto de vista da estratégia narrativa, a autorreferência é um dos pontos altos de *Vale das ameixas*, atingindo seu apice no capítulo 253:

Onde procurar as chaves de um romance? Nele mesmo. Um texto traz a memória da cultura em que se insere, estou enganado, Saussure? Somente a obra – a obra, nada além dela – contém e justifica o que a ela se liga. Nem mesmo o autor poderá explicar isso ou aquilo. A narrativa traz a sua medida própria. Concluído o romance, o escritor deveria morrer. Ou calar-se. O livro segue, livre o seu caminho. Agora é com o leitor. (p. 204)

Quase no final do livro, Tulio, o filho de Harley que se encarregou de organizar suas memórias, reflete sobre seu título: “o autor convive com a revelação e não percebe. Vale das ameixas não seria também a Polônia? Apenas a passagem de um cometa? Não, Zacarias. Não. Um romance é um buraco negro que suga tudo. Mas ilumina a vida.” (p. 245).

Polônia, judeus, vítimas preferenciais da barbárie.

Auschwitz, Arquipélago Gulag, Hiroshima, quanta irracionalidade. O que o homem fez ou deixou de fazer para chegarmos a isso? A pergunta não é minha, nem me lembro de quem, vale para toda a humanidade. Que ela não seja convite ao mutismo (um obstáculo) mas ao silêncio (grande cerimônia da reflexão) que antecede a revelação. O silêncio nos leva adiante; o mutismo para trás. (p. 194)

Em suma, em *Vale das ameixas*, seu romance recém lançado, através de uma narrativa que prende o leitor da primeira até a última página, Hugo Almeida nos oferece uma profunda mensagem humana, uma sensível abordagem da condição humana, com a condenação de todas as formas assumidas pelo totalitarismo desde o século vinte, pela barbárie.